



Roma, 9-13 / 05 / 2016

TECELAGEM DA SOLIDARIEDADE PARA A VIDA
– Viver e testemunhar como mulheres religiosas de Vida Apostólica –
Irmã Márian Ambrosio, idp

Senhor, quantos anos de minha vida já foram dedicados a encher o jarro de argila que eu sou, com água suficiente para saciar minha sede e para contribuir com o compromisso de saciar a sede de tantas outras pessoas. Após tantos anos, Senhor, constato que este gesto de encher o jarro todos os dias, não mais responde ao profundo anseio que sinto dentro de mim, anseio revestido de algo muito maior, que eu mesma não sei definir, mas que me impulsiona para além de mim mesma...

Senhor, obrigada pela água que me doaste a cada dia. Agora, porém, peço-te muito mais: conduz-me diretamente à fonte, a fonte que simplesmente, gratuitamente jorra desde teu coração apaixonado pela vida. É esta transformação que te peço – que eu seja capaz de relativizar o jarro de argila que sou, e priorizar a fonte de água viva que és Tu!

Motivação:

Queridas Irmãs!

Eu as convido a iniciarmos este momento de reflexão e diálogo com um pequeno exercício. Por favor, coloquem diante de si uma folha de papel em branco e uma caneta. O gesto de contemplar a folha em branco e a caneta é um convite. Se desejarmos registrar um pensamento, um novo gesto será fundamental: uma de nossas duas mãos entrará em movimento... Não conhecemos a fórmula mágica das respostas que poderiam surgir automaticamente prontas, para as muitas perguntas que hoje formulamos sobre a Vida Religiosa Apostólica feminina – sobre nosso passado, nosso presente e principalmente sobre nosso futuro. Estas respostas não pairam em algum lugar acima de nós. Elas estão dentro de nós, no mesmo espaço sagrado desde onde formulamos a Deus as mesmas perguntas. Os próximos 40 minutos de nosso tempo serão dedicados à reflexão, ao discernimento. Sujeito deste pequeno processo seremos nós mesmas, mulheres que vivemos e testemunhamos a vocação, em diálogo com Deus que nos escolheu e nos conduziu até aqui.

Vamos ao primeiro passo: escrevam, queridas Irmãs, em sua folha branca, as três seguintes palavras:

O QUE – PORQUE – COMO

As duas primeiras são as questões mais comuns que nos são apresentadas pela atual sociedade: **o que** vocês fazem? **Por que** vocês fazem? São questões bem significativas, porque visibilizam o cotidiano de nossas vidas.

O que fazemos? Emprestamos a Deus mãos e pés, ouvidos e boca, pele e pulmões, para que Ele continue a acariciar a vida através de nossa ação, de nosso fazer. Mas... será isso uma exclusividade nossa??? Fazemos isso melhor que leigos e leigas?

Por que fazemos? Porque respondemos a um chamado para seguir Jesus, fazer o que Ele fez, andar onde Ele andou, testemunhar o profundo amor do Pai ao mundo. Esta é a **motivação** primeira, última e única. Mas... será que é exclusividade nossa? Somos melhores seguidoras de Jesus do que nossos pais, irmãos, do que outras pessoas?

Queridas Irmãs, renovemos a consciência de que não somos especiais pelo **o que** fazemos, nem pelo **porquê** fazemos. Todos os cristãos são vocacionados a esta resposta. A Vida Religiosa é a **FORÇA DE UM “COMO”**. Sublinhemos a palavra – **como**. É nossa *forma de fazer*, é o *jeito de seguir Jesus* que confere significado ao nosso ser Religiosas de Vida Apostólica. Nós somos, para a Igreja e para a Sociedade a **força do como**. A palavra mais forte, intensa, para expressar este conceito hoje, é PROFECIA. Testemunhamos através da encarnação e da visibilidade de um *tripé essencial* que descreve nosso ser: 1) a vivência mística geradora da energia cotidiana da entrega da vida ao Deus da vida, provocando-nos a proferir votos para a liberdade sem fronteiras que o Evangelho nos propõe; 2) as relações evangélicas que asseguram o amor comunitário como sangue que circula em nossas veias e nos capacita a abraçar o diferente; 3) o compromisso com o anúncio missionário do traço do rosto de Deus que chamamos de Carisma, e que possibilita ao mundo **tocar, experimentar o amor**.

A palavra tecer, tecelagem (tema da Assembleia) confirma o que refletimos nestes primeiros cinco minutos... Vamos usar mais dois minutos para, com o olhar do coração, criar duas imagens: a primeira é a de uma tecelã – aquela mulher de mãos mágicas que usa o tear, que mistura fios e cores, que busca dentro de si mesma o modelo a ser tecido; que usa os pés e as mãos em silêncio, até concretizar o projeto de aquecer pessoas no tempo frio, de tornar a vida mais bela em tempo de primavera. A tecelã trabalha com um sorriso nos lábios, ou canta canções de amor. Podemos enriquecer esse instante, enchendo nosso coração com a imagem de Deus – *“Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Obrigada porque me fizeste de modo especial! Disso tenho plena certeza. Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em segredo fui formada e entretecida como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir”*. ([Sl 139,13-16](#)).

Imaginemos agora uma máquina grande e pesada de produzir tecidos. Nela, basta apertar botões, outros botões e, depois de alguns minutos recolher muitos metros de tecidos todos iguais, que serão rapidamente vendidos e revendidos em qualquer lugar do mundo... A máquina não sorri, não canta o amor, **mas é muito eficiente, muito competente**. Será, Irmãs que o cansaço que sentimos, as frustrações que às vezes percebemos ao final de tantos trabalhos, pode sinalizar algo para nós?

Queridas Irmãs, como estamos vivendo, como estamos testemunhando? Como a máquina ligada dia e noite em função de muito produzir? Ou como a tecelã que tem diante dos olhos de seu coração, a **pessoa** a quem vai aquecer, valorizar, dignificar?

Partindo dessa motivação, passo a partilhar algumas considerações, primeiramente sobre a realidade atual da Vida Religiosa Apostólica feminina que grita por conversão, e em seguida sobre sinais do futuro que sonhamos abraçar.

Primeiro aspecto:

Dar nome a dois desafios da realidade atual

1. Estamos nos tornando poucas, sempre menos, principalmente na parte ocidental do mundo. *Será esse nosso maior desafio?* Mesmo que não seja, vamos encará-lo. Precisamos primeiramente dialogar sobre a **qualidade do convite vocacional que dirigimos às jovens hoje**. Conhecemos a juventude atual? Compreendemos seus valores, seus limites, suas utopias, sua história, seus desencantos? Gastamos tempo suficiente para aprender com a juventude? Não me refiro a aprender a usar Whatsapp, Instagram, Facebook, Twitter, LinkedIn, Pinterest. Não, refiro-me a aprender com as jovens sobre o seu jeito de ver a vida, de cultivar a fé, de integrar valores, de estabelecer relações, de anunciar o Evangelho, de seguir Jesus! Gastamos tempo em dialogar com elas, pedir-lhes que conheçam o nosso jeito de ver a vida, de cultivar a fé, de integrar valores, de estabelecer relações, de anunciar o Evangelho, de seguir Jesus?

Quando elas entram em nossas casas, quem elas encontram – máquinas ou tecelãs? Ao dialogarmos com elas sobre Carisma, Missão, revelamos a **mística** que marca nossa identidade fundacional, ou desfilamos diante delas a quantidade de lugares, de casas, de atividades que temos pelo mundo? Estamos animando a Juventude a seguir Jesus conosco, ou estamos distribuindo folhetos vocacionais com fotografias e imagens que idealizamos sobre nós mesmas? Pensemos bem...

Mas podemos também acolher, com simplicidade, o fato de vivermos o ocaso de um modelo que não encontra mais expressão hoje. Por que uma jovem se tornaria religiosa para cumprir uma tarefa que pode perfeitamente realizar como leiga? Em países ocidentais onde a maioria de nós ainda vive, muitas Religiosas ocupam lugar de **suplência**, cumprindo atividades (todas muito boas), mas que nos distanciam da irradiação testemunhal que o Carisma nos pede. Atuamos, sim, ainda hoje, como suplentes do Clero, e atuamos ainda hoje, sim, como supletores do Estado civil. E essa postura não encanta!

Portanto, nossa crise não está no fato de sermos poucas... Esse traço pequeno da crise é uma chance, uma oportunidade – está provocando-nos a uma nova visão sobre **identidade e significado**, sobre **disciplinado radical** (incluindo estilo de vida e dimensão profética dos votos religiosos). Temos **a missão de “despertar o mundo”**, como repete incansavelmente o Papa Francisco!

2. É verdade que, ao nos encontrarmos como líderes de nossas Congregações, a primeira pergunta que formulamos umas para as outras é sobre “vocações”... *vocês ainda têm noviças? E junioras? Quantas?*

Mas há outra pergunta que está sempre na “ponta de nossas línguas”: **como estamos agindo em relação às obras apostólicas**, que se constituem em patrimônio secular dos Institutos? Quantas reuniões, quantas assessorias, quantas tentativas para encaminhar o que um dia foi **nosso lugar apostólico** – colégios, hospitais, espaços sociais para crianças, adolescentes, mulheres, e tantas pessoas que encontram em nossas Congregações a resposta para seus gritos por vida mais digna. Quantas gerações de Religiosas deram sua vida nestes espaços sagrados de cuidado com a Educação, a Saúde, a Caridade social...

Sentimo-nos confortáveis ao afirmar que estas mesmas Obras são hoje o “nome” de nossa crise? Ou nos abrimos diretamente à escuta atenta e evangélica dos sinais dos tempos? É bem importante assinalar que esta dinâmica que denominamos “sinais dos tempos” já foi ouvida pelas gerações fundadoras. Hoje, os sinais dos tempos nos sacodem de todos os lados. Hoje, os gritos são outros e nós os conhecemos: paz; cuidado da Criação; misericórdia; abrigo a refugiados; luta pela superação do tráfico de seres humanos; cultura da vida, do encontro, do diálogo; desejo de Deus...

Onde encontramos o critério que nos orienta no necessário discernimento? Estamos seguras de que abandonar as Obras significa superar a crise? Não, Irmãs! Nosso lugar, como Religiosas, não é **lá onde moramos, ou lá onde trabalhamos; nosso lugar é onde amamos, onde testemunhamos!** Nosso compromisso primeiro consiste em manifestar – profeticamente – o **Carisma** que nos encanta e identifica, o primeiro amor com o qual respondemos ao chamado. É este Carisma que devemos irradiar, comunicar, profetizar. Lembremos que nosso jeito específico de viver o Carisma pode ser a melhor maneira que o mundo ainda tem para ler o Evangelho, para conhecer Deus.

Este momento, Irmãs é muito especial para a Vida Religiosa Apostólica. Quando reconhecemos que, do ponto de vista da produtividade nos tornamos desnecessárias no mundo ocidental, este mesmo mundo nos provoca a recuperarmos nosso específico: somos sinal **que aponta para a presença atuante de Deus na história**. Já fizemos todas as reformas, reestruturações e redimensionamentos possíveis: constituições, casas, comunidades, estruturas e atividades. É hora de nos aproximarmos da fonte, é hora de crescer em direção ao profundo.

O profeta Oséias, que tanto acentua o amor, a sedução, coloca nos lábios de Deus uma queixa, uma expressão de dor: **“Como meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas não encontro um que levanta os olhos.”** (Os 11, 7) Que doloroso é este lamento de Deus! É como se Ele estivesse dizendo: quero tanto que você olhe para mim, mas você não tira seus olhos de você mesma!

Resumindo este aspecto: estamos pontuando a questão das Obras Apostólicas. Devemos mantê-las? Ou vendê-las? Ou doá-las?

Busquemos a tentativa de resposta atualizando o exercício de nossa folha de papel em branco... Nela, temos sublinhada a palavra **como**. Agora, Irmã, após um momento de silêncio, escreva a palavra que melhor define o Carisma que o Espírito Santo confiou à sua Congregação, para ser testemunhado ao mundo.

Qual é, Irmã, a palavra central que sintetiza seu Carisma Fundacional?

(instante de silêncio)

Cada lugar impregnado desta mensagem deixa de ser um lugar geográfico ou social, para transformar-se em lugar teológico junto ao qual as pessoas experimentam Deus amor: AMOR revestido com a cor do Carisma Fundacional. Este é o critério. Não teremos mais dificuldade em definir se uma “obra apostólica” pode ser transferida a outras pessoas ou grupos, ou se ela é hoje o lugar teológico de nossa profecia.

Não se conhecem receitas prontas para o processo relacionado às obras apostólicas, mas há uma porta aberta... e ela já teve dois nomes: parceria e rede. São duas dinâmicas que aprendemos da sociologia, e significam “vamos fazer juntas”. Hoje, essas dinâmicas também sofrem uma conversão. Para além das parcerias e das redes, buscamos firmar uma aliança. Esta é uma categoria bíblica. Sua originalidade está no fato de a iniciativa ser de Deus; de nossa parte basta uma atitude – trazer Deus para o centro de nossas decisões. Se as redes e as parcerias nos permitem atuar com melhor resultado **em vista da obra apostólica**, uma aliança entre nós terá por finalidade responder ao sonho de Deus – vida para todos, vida em abundância. Esta reflexão carece de aprofundamento: como compreendemos a “Comunhão dos Carismas”? Como acelerar a aproximação entre os diferentes Institutos, valorizando a originalidade de cada um, mas com os olhos e o coração à procura de unidade? Ouvimos, por ocasião do encerramento do Ano da Vida Consagrada: *“exige-se das Congregações um novo caminho: somos chamadas, neste momento da história humana e da história da Igreja, a tornar-nos “especialistas da comunhão” “a construir entre nós e com toda a Igreja a unidade dos carismas, para evangelizarmos juntos, em todos os contextos da Igreja e em todas as culturas do mundo”*: (Dom João Braz de Aviz no pronunciamento de abertura do Encontro Vida Consagrada em Comunhão, Roma 29 de janeiro de 2016).

Há mais um parágrafo que considero significativo inserir aqui: mesmo sem ter amplo conhecimento da Vida Religiosa Apostólica feminina na Ásia e na África, sei o quanto estamos conscientes da importância de quebrar fronteiras, partilhar vida e experiência, e de estabelecer aliança entre diferenças culturais, históricas, geográficas, religiosas. A avaliação do sentido de uma Obra Apostólica inserida em contexto asiático ou africano não precisa seguir os parâmetros usados no lado ocidental do mundo. As fronteiras da vida, da saúde, da educação, do alimento, da família são definidas pela realidade local, e não por um conceito geral. O que nos iguala, irmana, é a consciência que temos hoje, de estarmos “começando de novo”, e de que lá, bem no começo, Deus nos chama e nos envia a testemunharmos o seu amor, muito mais que construir “*nossas*” obras. Isso vale para qualquer lugar deste mundo. Se pudéssemos partilhar entre todas nós aquele papel sobre o qual escrevemos a palavra que identifica nosso CARISMA, ficaríamos surpresas com a igualdade que nos reúne aqui, independente de geografia ou de cultura.

A dinâmica da aliança é pessoal, comunitária e universal. A Palavra de Deus assinala: *“Agora, se ouvirdes a minha voz e obedecdes à minha aliança, sereis como meu tesouro pessoal dentre todas as nações, ainda que toda a terra seja minha propriedade....* (Êxodo 19, 5-6; cf. tb. Dt 14, 2; 26, 18). Podemos sim, empenhar-nos a voltar a nossas realidades com a determinação de firmarmos uma aliança entre nós.

Segundo aspecto:

Dar à **esperança** o lugar que lhe pertence.

ou

Dar um **futuro** ao nosso passado...

Escolhi iniciar este segundo momento de diálogo com uma citação do livro de Jó:

*“... pois uma árvore tem esperança:
mesmo que a cortem, tornará a brotar e não faltarão os seus ramos.
Se sua raiz envelhecer na terra e seu tronco morrer no pó,
ao cheiro da água rebrotará
e produzirá folhagem, como planta nova”.*
(Jó 14, 7-9)

O texto é intenso, e constitui uma das respostas de Jó ao sábio que tentava dar uma explicação aos acontecimentos que o atingiam. Jó deixa claro que não é desta sabedoria humana que ele precisa. Ele precisa de esperança!

Escutemos também a voz de Francisco, nosso Papa tão querido:

“Espero, pois, que vocês, sem se perderem em vãs utopias, saibam criar “outros lugares” onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, da acolhida da diversidade, do amor mútuo”.
(Carta Apostólica “Testemunhas da alegria” II, 2)

As profetizas e os profetas da Bíblia, pedem ao povo que entenda o **presente** em termos de uma **futura ação de Deus**. Elas e eles eram pessoas orientadas para o futuro, perscrutavam o futuro. Eles gritavam para que o povo **mudasse de rumo**, que **agisse em vista do futuro**. As profecias insistem em repetir a expressão “coisas novas”, algo de novo, novo céu, nova era, coração novo, novo espírito, nova terra, uma nova Jerusalém. A profecia é sempre portadora de esperança. Isaías é bem objetivo: *“Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?”* (Is 43, 18-19)

É interesse nosso **PERCEBER os sinais do futuro que Deus define para nós**. Perceber é algo que implica todos os sentidos – tato, olfato, gosto, visão, audição. A atitude fundamental que nos orienta neste passo é a de **dar lugar à esperança**.

Depois de pensar e rezar, fiz a opção pela palavra ALEGRIA como fio condutor do passo que segue. O que nos proporciona alegria hoje? Onde percebemos alegria em nossa Congregação hoje? Que iniciativas novas resultam em alegria hoje para outras pessoas, principalmente para quem perdeu a alegria?

Por favor, Irmã, busque mais uma vez a folha na qual está sublinhada a palavra COMO, e onde se contempla a palavra definidora de seu CARISMA.

Juntas, vamos **PERCEBER** o que Deus já está fazendo no meio de nós. Então, Irmãs, perceberemos que as sementes do futuro estão aqui, agora... E em nossos corações crescerá um lugar para a esperança. Serão 4 palavras-chave que podemos anotar e usar como sinal de esperança ou como alerta de maior atenção.

a) Palavra-chave: mística –

Percebemos que cada Irmã, comunidade, atividade estão impregnadas pela vivência e pelo testemunho profético da mística que sustenta nossa vocação, a radicalidade no seguimento de Jesus? Sim? Então, o ar que respiramos, as palavras que pronunciamos, os gestos que fazemos testemunham essa centralidade. Em nossa missão de líderes, motivamos Irmãs e Comunidades à vida de oração enraizada na Palavra de Deus, fonte cotidiana de íntimo diálogo e real conversão? Sim? Então, resgatamos o valor que o ritmo da Liturgia das Horas proporciona ao nosso cotidiano; o mistério eucarístico frutifica entre nós; somos pessoas capazes de adoração; reaprendemos a contemplar a presença dinâmica de Deus no silêncio das pequenas coisas; acolhemos em nossa vida os gemidos e as dores da Criação; abrimos espaços de partilha dessa experiência mística para outras pessoas.

- *Queridas Irmãs, se percebemos em nós a alegria de sentirmo-nos neste caminho, então estamos acolhendo e irrigando as sementes do futuro que Deus lança no terreno fecundo da Vida Religiosa hoje. E estamos dando à esperança o lugar que lhe pertence...*

b) Palavra-chave: relações evangélicas circulares –

Percebemos o significado da Palavra de Jesus: “*entre vocês não seja assim...*” (Lc 22, 26) e “*todas vocês são irmãs, por terem o mesmo e único Mestre?*” (Mt 23,8) Compreendemos que a Vida em Comunidade Religiosa, “antes de ser instrumento para uma determinada missão, é *espaço teologal*, onde se experimenta a presença do Senhor ressuscitado.” (Vita Consecrata 42)

Sim? Então avançamos no exercício da liderança partilhada, da autoridade evangélica; sabemos dar às pessoas o lugar que antecede a administração; inventamos tempos e lugares voltados para o diálogo aberto e misericordioso, para a alegria do lazer, para o abraço de ternura entre nós; espelhamo-nos na Trindade Divina para acolher o diferente, tornando-nos **sacramento de novas relações** num mundo ferido e fragmentado; humanizamos as comunidades, resgatamos o humano, a liberdade responsável que alarga horizontes e gera solidariedade.

Então estamos sendo capazes de lutar bravamente contra o passivo conforto que tende a se instalar, contra a autoreferencialidade, o fechamento, o tribalismo, a tristeza existencial. Bendito Ano da Misericórdia que nos permite atravessar a porta santa de nossos corações, e também a porta santa dos corações de nossas co-irmãs, e lá, bem no profundo de nosso ser, acolher o perdão que abre seus braços para nós.

➤ *Queridas Irmãs, se percebemos em nós a alegria de sentirmo-nos neste caminho, então estamos acolhendo e irrigando as sementes do futuro que Deus lança no terreno fecundo da Vida Religiosa hoje. E estamos dando à esperança o lugar que lhe pertence...*

c) Palavra-chave: Missão como irradiação carismática sem fronteiras –

Ouçamos mais uma vez Papa Francisco: “*Sem esquecer que a regra insubstituível para todos é sempre o Evangelho, sabemos que o carisma de cada família religiosa é guardado conjuntamente pela obediência e pela sabedoria. Através deste caminho (obediência e sabedoria), somos preservadas de viver a nossa consagração de maneira superficial, de forma desencarnada, como se fosse uma gnose que acabaria por reduzir a vida religiosa a uma «caricatura»: uma caricatura na qual se realiza um seguimento sem renúncia, uma oração sem encontro, uma vida fraterna sem comunhão, uma obediência sem confiança e uma caridade sem transcendência*”. (Homilia 2 de fevereiro de 2015)

Percebemos, Irmãs, que existimos a serviço do Reino de Jesus? Percebemos que qualquer outro serviço apostólico encontra seu significado primeiro, entre nós, se nos tornarmos uma parábola do Reino para a Igreja e para o mundo? Este é o lugar do testemunho carismático. Somos Irmãs da Caridade, de Jesus, do Coração, da misericórdia, da Sagrada Família, de Nossa Senhora, da Providência de várias santas e santos. Somos servas, missionárias, recoletas, adoradoras, filhas, apóstolas. Somos franciscanas, teresianas, beneditinas, carmelitas, dominicanas, ursulinas, salesianas. Somos do Calvário, da Cruz, da Ressurreição, da Eucaristia, da Assunção e tantas outras. Irmãs, nós **somos o Evangelho que o mundo pode ler...**

Percebemos, Irmãs, que este testemunho que somos vocacionadas a dar, é profético, denunciador do pecado e anunciador da esperança? Estamos a caminho, Irmãs, em saída para os lugares onde as feridas da humanidade estão mais expostas? Sim? Então proporcionamos às Irmãs mais idosas a chance de viverem intensamente a dimensão missionária em seu especial momento de vida; conduzimos as jovens vocacionadas aos caminhos surpreendentes que fundadoras e fundadores abriram para nós; somos sensíveis aos novos apelos que o Ano da Vida Consagrada nos propõe. Então, nossas atividades, obras, nossa militância sócio-política, nossos projetos respiram esta vitalidade.

➤ *Queridas Irmãs, se percebemos em nós a alegria de sentirmo-nos neste caminho, então estamos acolhendo e irrigando as sementes do futuro que Deus lança no terreno fecundo da Vida Religiosa hoje. E estamos dando à esperança o lugar que lhe pertence...*

d) Palavra-chave: Formação –

Percebemos, Irmãs, que todas nós nos encontramos em estado de formação continuada? Que precisamos “nascer de novo”, encarnar a novidade que o Espírito Santo inspira nestes tempos novos? Sim? Então implementamos uma adequada metodologia em vista da **processualidade** dos passos de introduzir, acompanhar e confirmar pessoas vocacionadas por Deus ao seguimento de Jesus na forma que chamamos de “Vida Religiosa”, até que Cristo seja formado em nós (Gal 4, 19); favorecemos a experiência mistagógica, compreendida como **conduzir alguém pelo caminho do mistério**, dando-lhe primazia sobre a transmissão de conteúdos. Então temos consciência de que formamos (ou às vezes deformamos) por contato, através do ambiente de vida, pelo testemunho, por nosso estilo de vida. Lembramos que a palavra **mistagogia** tem a mesma raiz da palavra **mística**! Mística, essa experiência que as novas gerações da Vida Religiosa tanto buscam hoje, não é uma profissão que se aprende. É um jeito de ser que nasce desde da mais profunda experiência de Deus! Conduzir uma pessoa até este profundo, é formar para a Vida Religiosa. O maior desafio na Vida Religiosa não está em encontrar Formadoras mistagogas. O real desafio está em encontrar **Comunidades mistagógicas**, lugares teológicos onde o testemunho é contagiante entre nós que comungamos a mesma vocação. Comunidades Formadoras, Comunidades que amam, que convidam ao amor, que semeiam amor...

- *Queridas Irmãs, se percebemos em nós a alegria de sentirmo-nos neste caminho, então estamos acolhendo e irrigando as sementes do futuro que Deus lança no terreno fecundo da Vida Religiosa hoje. E estamos dando à esperança o lugar que lhe pertence...*

Queridas Irmãs, não é fácil concluir quando se sabe da existência de tantos outros elementos que podem influenciar o presente e o futuro da Vida Religiosa Apostólica feminina. Em nossas mãos está um pedaço de papel com um pequeno roteiro:

Como,
Carisma fundacional,
4 chaves para abrir a porta à esperança!

Que Deus nos fortaleça e ilumine nossos processos de reflexão e de decisão, no exercício de nossa missão de animar as Congregações a caminho do dia de amanhã.

Sugiro um momento final de meditação sobre os conhecidos “seis avisos” da Religiosa Dolores Aleixandre:

1) Segure-se na realidade:

porque, como a terra esconde um tesouro, ela é portadora da presença de Deus: tão perto como o pão cotidiano... Você pode até escalar o Horeb ou o Tabor para buscá-lo, mas terá que aprender a escutar sua Palavra nas praças ou na oficina do oleiro, porque é entre os seres humanos que ela é pronunciada.

2) Desperte seus ouvidos e seus olhos:

Sua voz pode ressoar como o rugido de leão ou como o rumor de um silêncio tênue. Ela se comunica no centro de você mesma e também na floração das amendoeiras, para recordar que, assim como não é você a responsável pela chegada da primavera, tampouco será você responsável pela fecundidade de sua Palavra; disso Ele mesmo se encarrega.

3) Viva ao mesmo tempo alerta e calma:

Não tenha medo, mas permaneça vigilante, porque Ele pode apresentar-se de improviso e bater à sua porta no meio da noite. Se você abrir, entrará e ceará com você; se você permitir, Ele a levará ao deserto para lhe falar ao coração, ou para atraí-la com as correntes de seu amor.

4) Cuide de seu coração e escute o que ele diz:

Sua voz indica os caminhos para você voltar para casa, ao centro de você mesma; aí você encontra o único necessário: seu Pai, que está escondido e infunde seu alento para que todo o seu ser se concentre em seu Filho.

Aprenda a estar e a permanecer aí, a experimentar sua misericórdia e apaixonar-se por seu mundo, respirando o nome de Jesus como um perfume que é derramado.

5) Penetre em outra sabedoria:

Disponha-se a deixar para trás, como um manto velho, seus próprios saberes e certezas. A semente do Reino cresce sem que você saiba. Ainda que os atalhos que você atravessa pareçam escuros, pode confiar: seu pastor sabe para onde a leva. Segundo Ele, para ganhar se trilha o estranho caminho da perda, e a porta estreita é aquela que desemboca na largueza da felicidade.

6) Acolha o seu nome único:

Deus o tem tatuado na palma de sua mão e o entrega a você gravado numa pedrinha branca, como seu modo irrepetível e singular de viver em comunhão de vida com Ele. Alegre-se: você está convidada a participar do banquete do rei, e o lugar à sua direita ainda não está reservado.

Seis avisos para aprendizes a sermos pessoas místicas (Dolores Aleixandre)

Irmã Márian Ambrosio idp

Irmã Márian Ambrósio é membro da **Congregação das Irmãs da Divina Providência**. cursou pedagogia na **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI)**, em Paraná. Estudou Teologia espiritual na Pontifícia [Universidade Gregoriana](#), em Roma, na Itália. Foi presidenta da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil.